

Tese redescobre estrategista de São Paulo

Nobre português Morgado de Mateus foi governador da Capitania de São Paulo entre 1765 e 1775 e, nesse período, fundou ou planejou a criação de dezenas de cidades do interior paulista, como Campinas

LIANA JOHN
Especial para o Estado

Algumas ruas das cidades paulistas ainda levam o nome de Morgado de Mateus, mas nem mesmo os moradores sabem quem foi ele.

O arquiteto Antônio da Costa Santos também não sabia, até iniciar as investigações sobre a fundação de Campinas para sua tese de doutorado, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). Baseando-se nos trabalhos da maior especialista em Morgado de Mateus, a historiadora Heloísa Liberralli Bellotto, também da Universidade de São Paulo, Costa Santos descobriu um grande estrategista, a quem o interior paulista deve a concepção de pelo menos 20 cidades e as bases para a consolidação econômica das então futuras culturas do açúcar e do café.

O nobre português e estrategista foi governador da Capitania de São Paulo entre 1765 e 1775. Recebeu das mãos do Marquês de Pombal a incumbência de restabelecer a Capitania de São Paulo, transformada em Comarca do Rio de Janeiro, em 1748, depois de perder as riquezas de Minas Gerais e de Goiás, ambas transformadas em capitâncias autônomas.

No navio que o trouxe, Morga-

do de Mateus embarcou uma grande coleção de mapas e uma equipe de cartógrafos, com quem traçaria os destinos de São Paulo (que na época incluía parte dos Estados do Sul e do Mato Grosso).

Em 10 anos, Morgado de Mateus revitalizou a Capitania de São Paulo, fundou ou planejou a criação de dezenas de cidades no sertão virgem e consolidou as regiões Sul e Sudeste, quase nos limites atuais. No centro de tudo, uma rede de estradas, de onde parte a tese urbanista de Costa Santos.

Segundo ele, Campinas foi fundada à beira desta estrada, o Caminho dos Goiazes e, para confirmar o exato local, ele reconstituiu seu traçado, evidenciando os planos de ocupação dos sertões virgens, feitos por Morgado de Mateus.

"Ele aproveitou a tradição dos bandeirantes, de seguir os rios para o interior, e traçou uma estrada

que unia as nascentes dos rios paulistas e os caminhos da mineração ou do gado", explica Costa Santos. "Sua enorme visão estratégica ficou evidente quando colocamos no mapa as chamadas freguesias (hoje cidades) por ele fundadas", disse.

Elas formam círculos de proteção às capitais, criando obstáculos a uma eventual invasão de espanhóis, e distam entre si de 70 a



Mapa antigo de São Paulo usado por Morgado de Mateus; arquiteto refez o Caminho dos Goiazes

80 quilômetros, o que facilitaria o comércio, a criação de uma agricultura rentável e seria ponto de partida para o café.

Em algumas dessas cidades, a recomendação expressa de Morgado de Mateus era importar agricultores, como no decreto em que nomeia Barreto Leme fundador de Campinas: "...se faz preciso formar na paragem chamada Campinas do Mato Grosso... uma povoação para princípio da qual são necessários al-

guns casais para cultivarem as terras devolutas do dito distrito."

"Na minha tese, faço o estudo de um caso - o da Chácara das Campinas Velhas - para mostrar como uma cidade nascida de tal visão estratégica desperdiça sua

história e chega ao final do milênio sem sequer uma política de planejamento urbano", conta o arquiteto.

Campinas Velhas fica na beira da estrada construída por Morga-

do de Mateus e, segundo Costa Santos, sinaliza o local não reconhecido da fundação de Campinas, cuja história depois foi recontada pelos barões do café, "a quem foi providencial o ostracismo de Morgado de Mateus", observou.

Como em Campinas, a perda da memória do interior paulista pode vir a comprometer o futuro, que ainda hoje - mais de 220 anos depois - reflete os esboços do nobre português, em obras como a Hidrovia Tietê-Paraná (que aproveita os mesmos roteiros traçados na época para o desenvolvimento econômico) e acordos como o do Mercosul.

Desacordo causou exoneração de cargo

Luis Antônio de Souza Botelho Mourão, ou Morgado de Mateus, era um nobre português, nascido em Vila Real, em 1722. Foi dirigente de cidades e províncias portuguesas e condecorado como herói na Guerra dos Sete Anos (1756-63). Era parente do governador-geral do Brasil, d. Francisco de Souza, e de Martin Afonso de Souza, donatário da Capitania de Santos e São Vicente.

Politicamente, estava vinculado ao Marquês de Pombal, que o fez nomear governador da Capitania de São Paulo, extinta em 1748 e reabilitada com sua vinda ao Brasil, em 1765.

Aqui, ele governou 10 anos, cumprindo com êxito tanto a missão de enviar recursos para a reconstrução de Lisboa (destruída por um terremoto em 1755); como a missão militar de conter os espanhóis ao Sul e a Oeste e ainda a missão de desenvolver os sertões, por meio da agricultura e da criação de povoados estrategicamente distribuídos. Sua única divergência com Portugal foi a construção da Fortaleza de Iguatemy, na fronteira com o Paraguai (hoje Mato Grosso do Sul). Ele queria dividir as forças espanholas, fazendo deslocar exércitos do Sul para o Oeste, o que lhe custou a exoneração do governo de São Paulo e um processo político.

Morreu no ostracismo, em 1798, e só foi reabilitado muito tempo depois, junto com o Marquês de Pombal, que também caiu em desgraça com a coroa. Em 1998, a casa de Morgado de Mateus, em Portugal, lembra os 200 anos de sua morte.

TRADIÇÃO DOS
BANDEIRANTES
FOI
APROVEITADA